

09/06/98
23/5/98
21

Estado do Rio é recordista em devastação da Mata Atlântica

De 1990 a 95, 13% da floresta foram desmatados no país

Débora Ribeiro

SAO PAULO. O Estado do Rio lidera uma triste estatística: é o campeão do desmatamento, segundo levantamento apresentado ontem pelo Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais (Inpe), a Fundação SOS Mata Atlântica e o Instituto Socioambiental. Em apenas seis anos (de 1990 a 1995), mais de 140 mil hectares de Mata Atlântica foram devastados no Rio, ou seja, 13,13% da área existente no início da década.

Nos nove estados atingidos pela Mata Atlântica e monitorados pelo estudo do Inpe — Rio, Espírito Santo, Minas Gerais, Goiás, Mato Grosso do Sul, São Paulo, Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul — que representam 80% do território total coberto pela Mata Atlântica, foram desmatados no mesmo período mais de 500 mil hectares de floresta, o equivalente a 6% da área total existente em 1990. De acordo com o diretor da Fundação SOS Mata Atlântica, Mário Mantovani, a velocidade da devastação da Mata Atlântica é duas vezes e meia maior do que a da Floresta Amazônica. Ele disse que a Mata Atlântica caminha num ritmo descontrolado para a extinção.

— Nesse ritmo, a Mata Atlântica pode acabar dentro de 50 anos. O Governo deveria ficar constrangido com isso. As áreas originalmente cobertas pela Mata Atlântica vêm sendo reduzidas numa velocidade alarmante. No Rio, a situação está fora de qualquer propósito, com uma média de 3,5% por ano de área devastada. O estado está com seu controle ambiental falido — advertiu Mantovani, acusando o Governo de Marcello Alencar de descaso e desinteresse em aprovar uma legislação mais rigorosa.

Estudo sobre devastação assusta ambientalistas

No Estado do Rio, o avanço na destruição da Mata Atlântica assustou os ambientalistas que tomaram contato com o estudo do Inpe. O estado possuía, em 1995, 928.858 hectares de Mata Atlântica. Em 90, a área era de 1.061.184 hectares. As florestas ocupam, segundo o levantamento, 21,07% do território do estado. O município de Trajano de Moraes foi o recordista: as pastagens devastaram uma área de 7.700 hectares entre 1990 e 1995. No levantamento anterior, entre 85 e 90, o recorde ficou em Mogí das Cruzes (SP), com 2.500 hectares devastados.

— A situação no Rio é drástica. Na Região Serrana, em Teresópolis, Petrópolis e Nova Friburgo, observamos grandes áreas construídas para veraneio. Em Bom Jardim e Trajano de Moraes, o grande vilão é o pastoreio indiscriminado. E a região, acidentada, não é a mais indicada para pastagens. Quer dizer, não há qualquer fiscalização — afirmou o secretário-executivo do Instituto Socioambiental, João Paulo Capobianco.

Segundo ele, cada região tem causas diferentes do desmatamento. Mas ele cita como principais fatores ação de madeireiras, cultura agrícola, pecuária, especulação imobiliária e queimadas.

— O impacto do desmatamento é terrível. Além da perda da biodiversidade, queda na qualidade e quantidade de água nos mananciais, e alterações climáticas, ainda teremos falta de áreas de lazer. Tudo isso vai contra a qualidade de vida do homem — disse.

Goiás foi o vice-campeão do desmatamento. No levantamento anterior, feito entre 1985 e 1990, o estado contava com 7,1 mil hectares de Mata Atlântica e, entre 1990 e 1995, foram devastados 9,10% da área, que agora tem pouco mais de 6,4 mil hectares. ■